

“A prefeitura te paga para isso?” Fazendo e empinando pipas na Educação Física

Flávio Nunes dos Santos Júnior

*A felicidade mandando busca
A vida passando o cerol
Na nossa linha do tempo
Sonhos
Enroscados nos fios
E a gente debicando pipas,
Empinando os dias sem vento
À procura de um céu
Pra poder voar*

Sérgio Vaz

Como o próprio título já sinaliza, pipa foi o tema do trabalho aqui relatado. Passamos o cerol no currículo hegemônico e nas narrativas que precarizam o território da escola pública. A tematização foi desenvolvida ao longo do segundo semestre do ano de 2021 com turmas do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga. Instituição pertencente à rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, situada na Zona Sul, distrito do Capão Redondo.

O início da tematização se deu mediante incertezas e inseguranças impostas pela pandemia de Covid-19. A primeira dose da vacina estava sendo distribuída aos profissionais da educação. As escolas foram orientadas a atender diariamente apenas um terço do contingente de estudantes, uma vez que era preciso garantir distanciamento. A unidade considerou relevante formar três grupos em cada turma, buscando acolhê-los semanalmente de modo presencial. Isto é, cada frequentava as aulas presenciais durante uma semana e permanecia duas em casa, realizando atividades pela plataforma *Google Sala de Aula*.

Discutimos sobre como a pandemia estava impactando a vida de cada um e da comunidade. A conversa focou as perversidades realizadas pelo governo da época no trato da pandemia e as dificuldades das pessoas mais pobres, negras e da periferia. Alguns estudantes relataram o medo e a dor do luto em decorrência da perda de familiares e conhecidos. Não deixaram de mencionar o relaxamento nos cuidados de

boa parte das pessoas da comunidade, a começar pela recusa do uso de máscaras em locais fechados.

Falamos a respeito das pressões sofridas no decorrer do ensino remoto para realização das tarefas postadas pelos professores. Expus minha tela na plataforma *Google Sala de Aula* para verificarmos os acessos, que estavam muito aquém do que diziam as turmas. As falas remeteram ao sufoco emplacado pelas demandas escolares, a quantidade de lições estava gerando um grau de ansiedade descabido. Não só isso, a dificuldade de compreensão daquilo que era exigido também os angustiavam. *Eu não entendia nada do que era para fazer. Eu lia umas três vezes e não conseguia entender, então eu deixava para lá. Não tinha ninguém para ajudar.*

A escola distribuiu tablets aos estudantes, porém o chip disponível no aparelho era da operadora Oi. *Na minha casa o sinal da Oi é péssimo. Não consigo visualizar um vídeo do YouTube. Eu fazia as atividades pelo celular da minha mãe, esperava ela chegar do trabalho. Eu não fazia porque toda hora alguém me chamava, então não tinha como se concentrar para fazer nada.*

Em meio ao diálogo recuperamos as práticas corporais já estudadas. Recordamos as experiências de 2019, último ano letivo pré-pandemia. Na ocasião, tematizamos futebol, dança contemporânea, skate, bicicleta e patins. Enquanto ao longo de 2020, realizado em modo remoto a partir de abril, demos continuidade ao futebol e à dança.

Diante de tantas lembranças, apresentei o tema a ser estudado: o pipa. Sim, embora a norma culta determine o uso do artigo “a”, em grande parte da capital paulista, pipa é substantivo masculino. Os presentes reagiram com espanto. *Pipaaa? Simmm. Mas época de pipa já passou.* Essa prática foi selecionada em virtude de sua ocorrência no território onde a escola se situa. Muitos estudantes empinam pipas em companhia de familiares e amigos. Algo que ultrapassa gerações, uma herança cultural. Então por que não a estudar? Por que não a investigar? *Mas, eu nunca soltei pipa. Eu não gosto de pipa; eu nunca soltei na escola.*

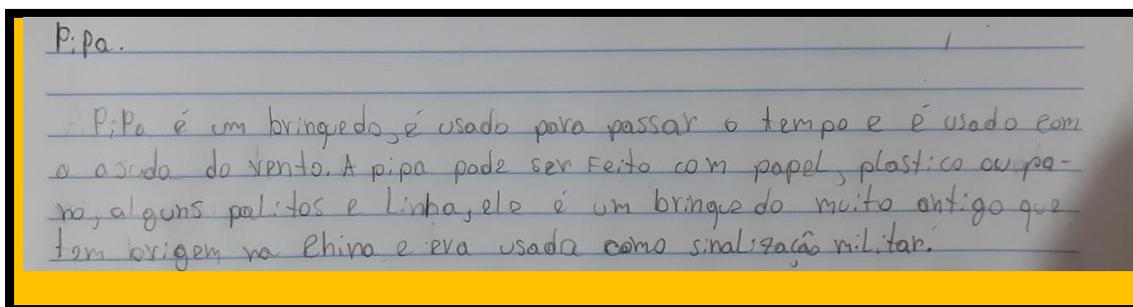
Em meio à surpresa, propus a assistência de um [vídeo](#) do comediante Thiago Ventura, no qual encena de modo muito divertido um garoto empinando pipa. Identificaram gestos, expressões e procedimentos. Puxa, rabiola, levar o pipa, debicar, soltar pipa, a relação com motoqueiros, cerol, linha, relo, cortar nos dedos, enrolar linha, manda busca. Alguns entenderam, outros nem tanto. *Vocês conhecem mais alguma coisa que faz parte da prática do pipa? Emboleira, chicote, linha chilena, cerol com vidro moído e cola.*

Visualizamos outro [vídeo](#). Esse compartilhava a história, a criação e as transformações. Invenção chinesa, usada inicialmente para situações de medição de espaço, foi capturada pelos militares para estabelecer comunicações; ganhou novos adeptos, japoneses e coreanos. Reconfigurado, passou a ter significado religioso e ritualístico: atrativo de felicidade, sorte, nascimento, fertilidade e vitória. Pipas que possuem pinturas de dragão, atrativo de felicidade; tartaruga, vida longa; coruja, sabedoria.

Notamos que o pipa ganhou significados múltiplos em diferentes momentos e contextos. Isso nos fez dialogar sobre o modo como é visto no território onde a escola se situa. Diversão, lazer, brincadeira, foram mencionados. *E quais outras relações as pessoas constroem com o pipa?: trabalho, esporte, arte, marketing* (algumas empresas utilizam o pipa como meio de divulgação de suas marcas). *Tem pipa da Fundação, da Coca-cola, do PSG, da Nike. Tem gente que trabalha com pipa. Meu pai vende pipa lá na Portela. Tem também quem use para decorar. Decorar? É, coloca na parede do quarto.*

Memórias: *uma vez eu estava em casa com a minha mãe, o moleque estava em cima do telhado pegando pipa, de repente a telha quebrou e ele caiu dentro de casa. A gente tomou um puta susto e minha mãe pegou uma vassoura para bater nele. Ele saiu correndo com medo. Meu pai participa de um grupo de pipeiros lá no Jardim São Luís.*

Na plataforma *Google Sala de Aula*, para aqueles que estavam incumbidos de fazerem atividades remotas, abriu-se o convite para compartilharem o que sabiam a respeito da ocorrência do pipa na comunidade: *bom, eu não sei muito sobre pipa e nunca soltei pipa. As únicas coisas que eu sei sobre é que é necessário um clima com vento e existe uma época do ano que é melhor para soltar pipa.*



PIPA

Bom, o que eu sei do pipa é que aqui no bairro, seguindo da bola, é a maior distração, as crianças que brincam na rua utilizam bastante, de todas formas, cores e modelos.

Porém, também é um grande causador de problemas, como interferência nos fios de luz, ferimentos causador pelas pessoas que usam cerol; ferimentos e em alguns casos até morte por choque causado por pipas grudadas nos fios.

Respostas de estudantes à provocação.

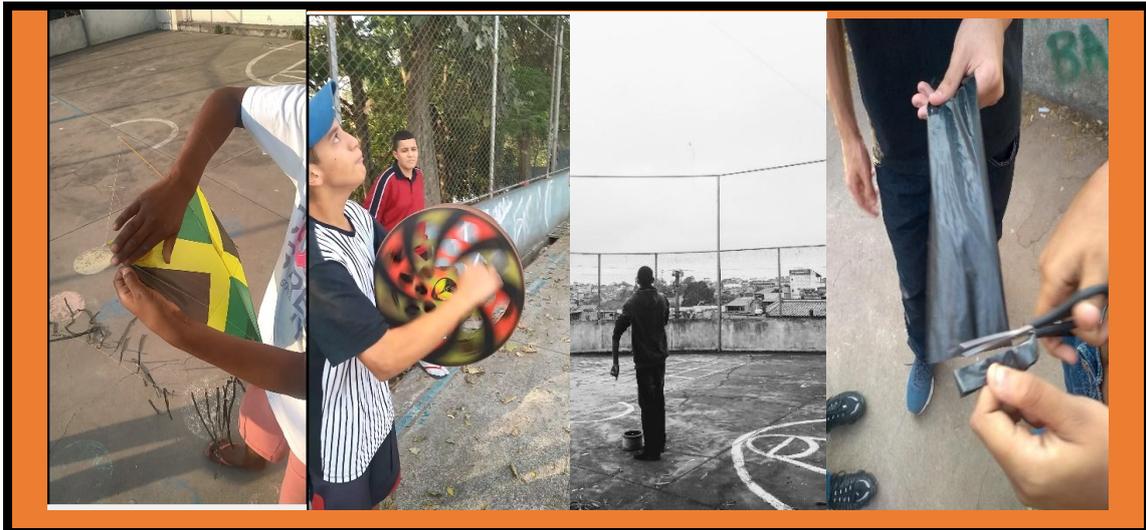
Na conversa inicial apareceram de forma latente as tragédias provocadas com o uso de linhas com cerol. Motoqueiro que cortou pescoço, menino que quase perdeu o dedo por causa da linha chilena. *Uma vez o moleque foi tirar um pipa do fio lá na minha rua e acabou deixando todo mundo sem luz.* O movimento de criminalização do pipa estava em evidência. Anunciei que na aula seguinte empinaríamos pipas. *Vou trazer linha e pipa então. Vamos soltar de onde? Se o vento estiver para cima é melhor empinar lá da quadra. Olha lá, o vento está para baixo.* Pedro trouxe sua carretilha com desenho colorido, carregada de linha, junto com uma sacola portando sete pipas. Alguns com rabiola, outros sem. Pipa pequeno, pipa médio, pipa grande, pipa colorido, pipa monocromático, pipa com estampa. *Quem vai colocar no alto? Daí, vai.* O vento batia forte. Em menos de um minuto o pipa já estava no alto. O próprio Pedro se encarregou de subi-lo.

Entrosamento e intimidade se manifestaram na cena, a linha parecia transmitir mensagens ao brinquedo, enviando afeto. Uma produção de sorrisos. A cada gesto do corpo, o pipa se mexia de um lado para o outro, para cima e para baixo, melhor dizendo, dançava, bailava no céu. *Tem nome este movimento? Carioquinha, só faz para pegar força, para o pipa subir. Puxa e descarrega a linha. Cuidado com os fios, mano. Aqui sou eu, pai. Relaxa. Vou afundar esse pipa lá naquela laje. Se liga.*

Chegou a próxima turma. *Pra onde está o vento? Para baixo. Vamos lá para trás, então.* Pipa, rabiola e linha. *Leva lá. Puxa.* Pipa no ar. *Manda linha. Eu nunca soltei pipa. Então toma a linha. Não quero.* Após insistir, meninas e meninos foram se permitindo a empinar. Descarregando e debicando. *Nossa, eu nunca fiz isso.* Entre uma mão e outra, a linha enganchou no fio. *Como pode essa linha ter ficado presa aí? As vezes enrosca no nó.* O pipa foi perdendo força, abaixou até cair na laje de uma casa próxima. Não teve jeito, a linha teve de ser rompida com um tranco. *Tem gente que*

aproveita uma situação dessa para comer linha. Comer linha? O que é isso? É pegar a linha da pessoa que tomou relo.

Mais um pipa sobe, expressões inusitadas emergem diante de novas situações. Descer retão, pipa mandado, relo, cortar e aparar, mandar busca, está puro. Mais um pipa que não voltou, debica daqui, debica de acolá, a linha ficou presa na árvore e o pipa enroscou numa laje. *Faz elevador para colocar esse no alto.*



Da esquerda para direita: fazendo estirante, usando a carretilha, empinando na quadra e fazendo fitinha.

Conversamos sobre tipos de pipas existentes e materiais empregados para enrolar a linha (carretilha ou lata). *Por que o objeto usado para enrolar linha chama “lata”, mesmo sendo de plástico? Meu tio fala que antigamente as pessoas enrolavam a linha na lata de leite ou de óleo. É isso, não existia carretilha. Não se comercializa nenhum objeto para enrolar linha. Hoje a coisa está bem mais fácil.*

Outro encontro. *Vamos soltar de onde? O vento está para onde? Pra cima. Vamos lá pra quadra, então. Vou subir essa raia. Eu não gosto. Não tem rabiola, por isso eu gosto.* O vento estava muito forte. A impressão era de que a linha não suportaria tanta força. A cada balanço, a cada debicada e puxada forte, a raia emitia um som, suas folhas vibravam intensamente com o vento, soava como música.

Vou fazer isso, não. É coisa de menino. Quero saber disso não, meu negócio é oh, jogar futi. Eu vou batizar a linha. Batizar linha? Vai levar para igreja? Não, é descarregar toda a linha que está na lata, depois disso bate três vezes no chão e enrola tudo que descarregou. Que pipa penso. Penso? É, está caindo sozinho. Tem que colocar

uma fitinha do lado ou fazer um furo. Os comentários dos estudantes colocavam em circulação uma terminologia própria. Passamos a construir coletivamente um vocabulário do pipa.

O espaço da quadra era aberto, acessível a qualquer pessoa, não tinha tranca nos portões, repentinamente alguns meninos, moradores da comunidade, aparecem para jogar futebol. Aproximam-se de nós, parecem surpresos com aquilo que fazíamos na aula. *Fazendo o que professor? Soltando pipa. Já soltou pipa na escola, na aula de Educação Física? Nunca. Aê, pessoal, aproveita, hein. Da hora.* Um pai de uma estudante nos observou de longe. Meio desconfiado, andava em passos curtos e vagarosos em nossa direção. Amauri, seu nome. Chegou junto, puxou conversa, parecia espantado com o que via. *Soltando pipa? Na minha época Educação Física não era assim. A prefeitura te paga para fazer isso?* Silêncio abateu a todos e todas, chegava a ser ensurdecedor, apenas trocamos olhares que diziam muita coisa.

A pergunta impactou a turma, pois deu a entender que escola não é lugar apropriado para abordar pipa. Então o que se pode fazer nas aulas? Aquilo que as demarcações da quadra impõem? Nosso cerol cortou as linhas que as representam no chão da quadra. Um processo de desnaturalização passou a integrar o olhar não só dos estudantes, mas também de membros da comunidade. Um mix de espanto, indignação e encantamento parecia acometer os corpos que testemunhavam a congregação entorno de pipas, linhas e rabiolas.

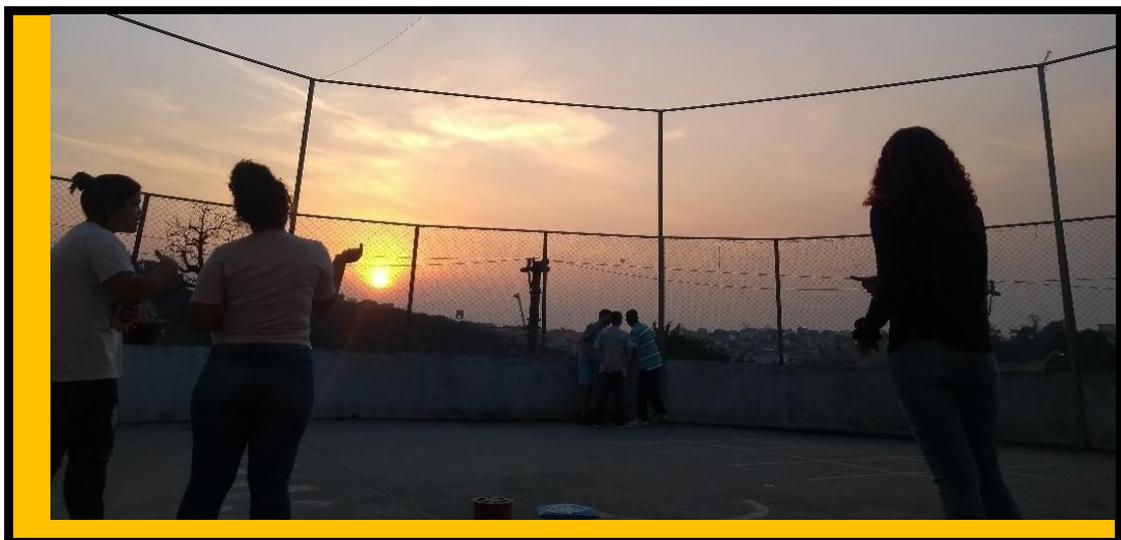
Apostávamos na constituição de um currículo profano, deixar passa batida a estrutura que marginaliza mulheres e meninas não soava bem. Era preciso causar fissuras: o que motiva a retirada das mulheres e meninas da brincadeira de pipa? As falas enunciadas responsabilizavam-nas pela própria exclusão: *elas não gostam de brincar, não acham interessante. Por que elas não gostam? Não é do gosto de todas as meninas soltar pipa. Muitas preferem outras brincadeiras.* Havia necessidade de levar a leitura a outros lugares. *Tem mulheres que não curtem pipa e acreditam ser uma brincadeira de menino. O machismo está presente na humanidade.* O grupo percebe a estrutura que afirma certas práticas em detrimento de outras.

Para ajudar na conversa assistimos ao vídeo [Garota pipeira tirando relô da laje](#), disponível no canal Rafa Pipeira. É ela quem diz: *estou aqui para mostrar que mulher também empina pipa.* Considerada por seus seguidores a melhor pipeira do Brasil, a quem chama carinhosamente de xepeiros, compromete-se a acompanhar campeonatos, festivais e realizar desafios lançados por eles. Abro um parêntese para responder à

pergunta o leitor desavisado: mas o que é a xepeiro? É quem fica à espreita para pegar pipa mandado, pipa relado. Fecho o parêntese. Voltando ao vídeo, a breve exposição da Rafa é seguida por uma experiência na laje. Ela começa fazendo estirante e arrumando a rabiola de uma flechinha. De óculos escuro no rosto e manuseando uma carretilha de madeira, rapidamente coloca o pipa no alto. O rito é acompanhado por uma trilha sonora. Rafa corta e apara, mostra os dedos cortados pelas linhas, tenta desembolar linha, pede linha ao Beloty. Rafa toma relo, coloca outro no alto. Em uma disputa com outro pipa, fala: *o cara só foge, estou quase indo lá dá linha para esse cara, não tem coragem de descarregar*. Após alguns segundos, grita: *afeeee!*

Enquanto assistíamos, comentávamos as cenas: *conhecem essa música que ela está ouvindo? É do Mc Kevin. Quem é Beloty? É um dos maiores distribuidores de pipa da cidade de São Paulo*. A reação dela após um relo instigou opiniões sobre o comportamento dos praticantes da comunidade: *o que o pessoal aqui costuma falar quando dá relo? Eu vejo os meninos gritando igual louco: relooooo! Eu falo: 'relooo, tá puro mendigo? Aqui no nosso bairro, o pessoal solta pipa de onde? Tem gente que empina na laje, na rua, no campo, lá no morro*.

Ter assistido à Rafa mostrando seu engajamento na prática do pipa deu substrato para todos e todas. Elas se sentiram mais à vontade para empinar. Debicar e enrolar, puxar, segurar e descarregar a linha. Eles perceberam a necessidade de partilhar aquilo que sabiam não só com elas, mas também com outros garotos que não tinham tanta experiência. Tudo, ao som de uma trilha sonora escolhida pelos presentes.





Meninas empinando pipa na quadra.

Investigamos o nome que o pipa recebe em outros lugares do nosso país. Poderíamos tomar como referência o estado de origem dos familiares. Encontramos: cafifa, papagaio, quadrado piposa e pandorga compõem o vocabulário de estados do Sul. Pipa, arraia, morcego, lebreque, bebeu, coruja e tapioca, no Rio de Janeiro. Papagaio e maranhão, em Minas Gerais. Arraia, barril estilão, papagaio, pião, tapioca e bolacha, no Nordeste. Curica, cângula, jamanta, pepeta, casqueta e cambeta, no Norte. Olhamos para os países vizinhos: no Uruguai, chamam de cometa; e na Argentina, barrilete.

Pensamos, também, em dedicar atenção à confecção de pipas. Convidamos para a atividade o Vitor, estudante do 6º ano. Seu pai o ensinou a fazer pipas para ajudar na produção e abastecer o comércio da família. Providenciamos varetas, folhas de seda, cola e linha. Vitor se encarregou de fazer as armações, mostrando aos colegas a técnica adotada. Suas mãos trançavam arte, produziam magia com desmesurada elegância. Fazia uma armação em menos de dois minutos. Grupos se formaram para encapar, escolheram as folhas conforme a cor preferida. Um trabalho artesanal coletivo: desenha, recorta, cola, dobra, estica, puxa. Não sabíamos ao certo qual seria o resultado, mas apostávamos na criação, na incerteza.

Recorremos à técnica do isqueiro para realizar o acabamento. Com a manipulação, algumas folhas amassaram e aproximá-las do calor fez com que ficassem lisinhas. Passamos à rabiola: distribuímos sacolas plásticas e tesouras. Vitor explicou como cortar as fitinhas. Quem sabia dar o nó ajudou os colegas. Com pipa encapado e rabiola feita, faltava apenas amarrar a linha no pipa, mas isso não pode ser feito de qualquer forma, é necessário amarrar o estirante. *Quem sabe fazer?* Elemento-chave

para o pipa subir, ter força, debicar, descer retão, ou seja, para ficar em plenitude. Luiz e Erick ajudaram os colegas a elaborarem, indicando as possibilidades. Tudo pronto. Momento de ir para a quadra ou pátio e botar no alto.



Confecionando pipas.

Observamos pra qual lado estava o vento, dirigimo-nos à parte de trás da escola, alguns se encarregaram de colocar no alto. Subiu o pipa azul, subiu o verde e branco, subiu o vermelho. Outros ficaram guardados. As cenas produziram marcas, fizeram reverberar falas espontâneas. *O pipa das meninas ficou chave, hein. Vermelhão. Primeira vez que eu faço um pipa. E eu que nunca tinha feito rabiola.* O céu se coloriu,

não era simplesmente um objeto de vareta, linha e papel, mas sim a expressão da arte, manifestação de afeto para uma prática que é passada de geração a geração.

Professor, o Bruno perdeu o pipa das meninas. Mandou busca e tomou relo. Como isso? Não acredito. Quis laçar puro e tomou. Indignação, frustração, raiva, inconformismo, não sei exatamente os sentimentos que me tomaram. Elas pareciam descontentes, zangadas. *Ficamos tanto tempo fazendo, não durou 10 minutos no alto.* Era uma produção delas, Erick tinha colocado no alto, subiu com extrema facilidade, melhor que muitos outros comprados. O pipa estava pleno, equilibrado. De cor vermelha, descia reto, ia de um lado a outro, bailava no céu azul. *Eu trago outro amanhã.* Não teria pipa algum que pudesse repor a perda, não era simplesmente pelo objeto em si, não bastava comprar e entregar no dia posterior. Estava implicada uma relação de afeto, criação, sentimento. Enfim, se foi.



Confecionando pipas.

Visitamos num final de semana os festivais de pipa que ocorrem nas proximidades: um na Praça do Leticia e outro no Campo do Eder. O primeiro no Jardim

São Luís, o segundo em Itapecerica da Serra. Pedro foi quem se prontificou a me acompanhar, fomos num domingo à tarde. O local estava cheio. Diversos corpos presentes. Um verdadeiro ponto de encontro. Observamos e fizemos vídeos e fotos do momento. Soltamos pipa, demos e tomamos relo.

Na aula seguinte, mostramos as fotos e vídeos que fizemos do festival da Praça do Leticia. Isso mexeu com o pensamento.

<p>Qual tipo de linha que o pessoal mais usa? Qual tipo de pipa mais adequado? Preferem qual tipo de carretilha? Esse local é muito frequentado por praticantes de pipa? O que os moradores pensam sobre a prática do pipa? Como eles fazem para desbicar? Como eles passam cerol? Como aparam pipa? Cerca de quantas pessoas vão diariamente à praça? Você mora por aqui ou veio apenas visitar? Solta pipa desde quando? Acontece muito acidentes na praça? Acontece briga? Em quais dias ocorrem os encontros? Quando começou a ocorrer os encontros? Em quais dias tem mais movimentos? Tem vendedor de pipas no local? As pessoas usam cerol?</p>	<p>A comunidade apoia a prática de pipa na praça? A segurança do local ajuda ou atrapalha? A brincadeira de pipa sempre foi frequente no bairro? Como pode ter tanto pipa no fio? Com que frequência tem gente soltando pipa na praça? Quais são os relos mais usados? Essa praça é muito frequentada? Alguém reclama dos pipas e da gritaria? Quais são os pipas mais usados? Você já fez ou customizou algum pipa? Seus pais brigam por você ficar muito tempo na praça? Tem racha de moto? Tem comércio de pipa no local? Tem campeonato de pipa? Tem guarda? Tem mais crianças ou adultos? Passa muita polícia?</p>
---	---

Perguntas sobre o festival de pipas.

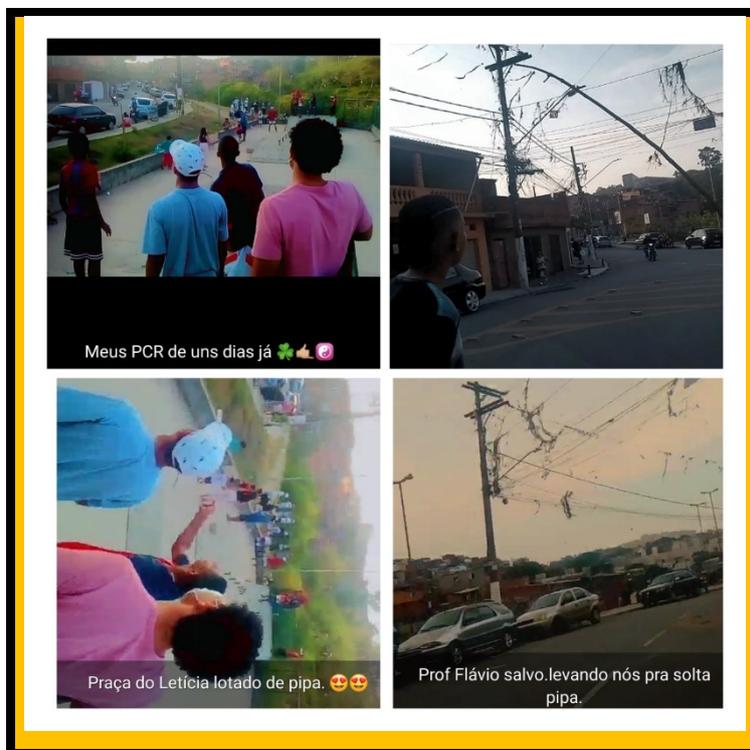
Surgiu a ideia de fazermos uma nova imersão no local, sentir no corpo para empinar, assistir e conversar com os frequentadores. Por volta de 15h de um outro domingo passei pelo Jerivá, bairro onde se situa a escola. Gabriel, Nem, Pedro, Rafael e Ytalo embarcaram em mais uma aventura. Percorremos os 5,5 km que nos separava do destino. Cada um portando esperança, alegria, satisfação, só o fato de andar de carro já os deixaram felizes, pois não era algo que estavam acostumados a fazer. Mas o pião pela quebrada tinha uma intenção para lá de especial, colar na Praça do Leticia para brincar de pipa. Passamos pelo campo do Sabão, Parque Santo Antônio. Os moleques já conheciam, recentemente tinham assistido o jogo do time da comunidade, o S. E. Jerivá. A ansiedade foi tomando conta dos meninos: *tá chegando. Olha os 'pipa' caindo. Olha os fios.*

Encostamos, mal pisamos na calçada e um pipa cai perto de nós. Os garotos sacaram a ferramenta: linha. Chilena, claro. Colocaram o pipa no alto. Mas também não demora muito para tomarem reló. Envolvem-se na xepa. *Abre o porta-malas para eu guardar esse aqui.* Pergunta o leitor desavisado: mas o que é a xepa? É ficar à espreita para pegar pipa mandado, pipa relado. E assim eles seguem, colocam no alto, rélam, tomam reló, vão para xepa, pegam, guardam. Virtuosiidade de acontecimentos.

Enquanto eles estavam insuflados pelo bailado do céu, atentei-me ao público, buscando identificar os corpos presentes e se possível tecer uma conversa a partir das questões levantadas com os discentes. Aproximei-me de dois garotos, de início pareciam desconfiados com a abordagem, deram a entender não estar habituados com a situação. Apresentei-me, expus a intenção da conversa. Eles chamaram alguns colegas, formam um quinteto. O momento já ficou descontraído. E no bate-papo, identificamos o seguinte: o pessoal usa mais linha chilena, linha pura e com cerol. A polícia já compareceu à praça para tomar linha dos frequentadores. Eles nunca ouviram os vizinhos da praça reclamarem da presença deles no local. O festival acontece todo dia, mas sábado e domingo ‘poca’, fica cheio. O uso da madeira é para ter facilidades na hora de pegar os pipas e tirar vantagem na disputa com outras pessoas. Relataram ter presenciado acidentes com moto, mas nenhum em decorrência dos pipas. Muitos motoqueiros utilizam anteninhas para se protegerem das linhas. Para eles, a praça é o melhor lugar da região para soltar pipa. No olhar deles, a maioria dos presentes é menino, menina tem muito pouco. É possível ver adulto, criança, adolescente, idoso. O pessoal usa carretilha para enrolar mais rápido. Assumem frequentar o local apenas para se divertir, para soltar e pegar pipa. Os fios estão cheios porque os pipas engancham quando são mandados, também engancham quando se tenta pôr no alto. Tem gente que não corre atrás de pipa, só fica parado esperando. Alegam que nunca soltaram pipa na escola, lá é proibido porque pode cortar as pessoas, confessam que a aula poderia ser um lugar para estudar o pipa. Compram pipa de vez em quando, em algumas ocasiões fazem pipa com folha ou plástico. Os tipos de pipas mais usados são come rato e flechinha. Gostam mais de comparecer à praça sábado e domingo porque são os dias em que tem mais gente.

Enquanto narram suas experiências, o olhar se volta o tempo todo para o céu, o corpo fica inquieto, sempre à espreita. Agradeço a disponibilidade e atenção. No fim do dia nos reunimos percorrer os 5,5 km de volta. Com sorriso no rosto, Gabriel, Nem, Pedro, Rafael e Ytalo aparentam querer permanecer mais um pouco, mas já estava tarde,

era preciso dizer tchau. Embarcamos no carro, as histórias de quantos rels tomaram e deram e a participação na xepa geram gracejos. Deixei-os no ponto de partida, no Jerivá.



Prints de fotos postadas em status por um estudante.

Na escola, [assistimos à entrevista](#) com o quinteto de garotos, relembramos parte das questões levantadas. Ytalo partilha as experiências, exagera: *aquele moleque foi disputar um pipa comigo e logo sentou a madeira na minha cabeça. Fiquei puto. Quebrei a madeira e ele saiu resmungando. Foi engraçado. Eu achei que iria sair uma treta na hora, ainda bem que não rolou.*

Outro rolê, desta vez no campo do Éder, fomos a convite do pai da Aline, Silas, integrante da equipe JSL (Jardim São Luís). O festival tinha como intenção celebrar o aniversário do grupo Suburbanos. Domingo de manhã, tempo nublado, previsão de chuva, mesmo assim arriscamos.

O local estava cheio, um pipa mais bonito que o outro, alguns com rabiola que ultrapassava 100 metros de extensão, os famosos “rabioludos”. Carretilhas invocadas, pintadas à mão, com diâmetro e rolamento para aumentar a velocidade na hora de descarregar e enrolar a linha. A imensidão do céu se fez palco para as performances dos

pipas, espetáculos de acrobacias. Desce retão, debica para um lado e para o outro, roda, sobe, vários movimentos para encontrar e cortar a linha do outro grupo; entrar por cima ou por baixo, pegar estirante, picotar rabiola, as estratégias para relar são variadas.

Em conversa com Jéfão e Silas, soubemos que o evento reúne grupos de pipeiros da Zona Sul, especialmente dos bairros Jardim Ibirapuera, Jardim Capelinha, Jardim São Luís e Capão Redondo. Os participantes doam cestas básicas. O encontro se inicia às 7h, até às 12 é permitido colocar no alto somente pipa grande, após esse horário vale qualquer tipo e não tem hora para acabar. A proposta é fazer combate, laçar com as outras equipes. Os informantes alegam que quando estão no bairro, se reúnem na laje, tiram relo na quebrada. Fazem com frequência campanhas de distribuição de antenas para motoqueiros na região onde soltam pipa. No olhar deles, pipa é uma prática marginalizada, porém o evento é um momento de estar com a família, com as crianças, conscientizar . Querem soltar pipa sem renunciar à segurança. Dizem quebrar o gelo da mídia e da sociedade também, uma vez que não são criminosos. *Pipa não é crime é arte.*



Flyer e registros do festival de pipa no Campo do Éder.

Novamente na escola, assistimos à [gravação da conversa](#). Tomamos contato com uma outra forma de compreender o pipa. Inicialmente as falas discentes o posicionavam como algo perigoso, reproduzindo narrativas de fomento da sua criminalização. Perguntamos: *quantos pipas vocês conseguem ver no alto em bairros nobres da cidade onde moramos? Agora quantos a gente observa nas quebradas, nas periferias? Será que tem alguma relação?* As falas de Jefão e Silas nos instigaram a buscar movimentos que afirmassem o pipa enquanto arte, cultura. Eis que soubemos que no Rio de Janeiro há uma lei, de 2018, que considera pipa patrimônio cultural, histórico e imaterial do estado. Ora, e como anda isso em São Paulo?

Consultando o site da Câmara Legislativa da cidade de São Paulo, percebemos a existência da [Lei nº 16.721/2017](#) que institui no calendário de eventos da cidade de São Paulo o dia 30 de junho como uma data de conscientização da pipa segura. Novas indagações: *por que o dia 30 de junho? É uma data que possui relação com algum fato histórico ligado à prática do pipa? Será que de fato a lei busca valorizar o pipa?*

Entre aulas e mobilizações de resistência contra a reforma da previdência de servidores municipais, encontramos um assessor do vereador Celso Giannazi. No meio do diálogo sobre os ataques aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, aproveitei para parabenizar o mandato pelo sucesso na aprovação do [projeto de lei](#) que criou no calendário da cidade o dia “13 de outubro: Dia da Literatura Periférica”. Na ocasião, acabou pipocando na conversa a tematização de pipa. Pontuei a constatação feita junto com os estudantes a respeito da inexistência de qualquer iniciativa de proposta que o elevasse à condição de patrimônio cultural, histórico e imaterial da cidade. De pronto, abriu-se a possibilidade de dialogar no gabinete com vistas a articular tal projeto.

Na aula seguinte partilhei com as turmas o diálogo supracitado, alguns acharam interessante e sinalizaram disposição para comparecer à Câmara de Vereadores para levar a proposta. Uma coisa passou a nos intrigar, a pouca presença de representantes na conversa. Havia praticantes entre os estudantes, mas era preciso avolumar o grupo. Eis que surge a intenção de fazer contato com os grupos de pipeiros. Apresentamos a ideia aos membros dos coletivos Suburbanos e JSL. A proposta agradou. Empolgados, os participantes ressaltaram a importância do movimento e o quanto tal projeto pode potencializar as iniciativas que promovem nas comunidades.

Agendamos uma conversa no gabinete do vereador com a participação de estudantes, professor e representantes da comunidade. Infelizmente, não conseguimos marcá-la num horário condizente com os alunos, e nem contratar um ônibus próprio. A

saída encontrada foi recorrer ao transporte público. Jennyfer, Pedro, Raika, Yasmin e eu nos encontramos às 17h, fomos de carro até a estação Campo Limpo da linha lilás do metrô e de lá seguimos viagem de trem. Desembarcamos na estação Sé e percorremos a pé o trajeto restante. A movimentação da região central e a arquitetura dos prédios impressionaram os estudantes. Chegamos ao destino. Minutos depois também compareceu Silas, membro do JSL. Pela primeira vez, nós seis adentrávamos num lugar que teoricamente se assume como “casa do povo paulistano”, mas que na prática não é visto como acolhedor.

O vereador gentilmente nos recebeu em sua sala, apresentando-nos toda a equipe que o assessora, ofereceu café, suco e bolacha. Conduziu-nos aos espaços de reunião, em um deles explicou o funcionamento da casa, o modo como são operados os projetos, o trâmite pelas comissões, as negociações e tensões com parlamentares de oposição. Ao tomar a palavra, Silas pontuou as intervenções que realiza com seu coletivo. Em seguida, junto com os estudantes, partilhei as questões e investigações produzidas ao longo da tematização do pipa, focando a necessidade de elaborar um projeto que fomentasse a valorização e o reconhecimento da prática na cidade de São Paulo, a fim de contrastar narrativas voltadas à sua criminalização. A pauta foi acolhida e vista como pertinente. Percebemos que o conservadorismo presente entre os membros do legislativo exigiria uma expressiva mobilização entre praticantes e coletivos pipeiros. Após uma hora de bate-papo, circulamos pelo plenário, tiramos fotos, apreciamos a estrutura e seus adornos. Com o avançar da noite, despedimo-nos, seguimos de volta à estação Sé do metrô e, na sequência, rumo ao Capão Redondo.

Em novo encontro na escola, expusemos as fotos da casa legislativa e outras tiradas no percurso. Também partilhamos a conversa com o vereador e sua equipe. Repetimos a explicação sobre o funcionamento da casa, a função do vereador, as tendências decisórias dos parlamentares e do prefeito. Impossível esconder o pessimismo a respeito de um projeto de Lei que posicione o pipa enquanto patrimônio cultural, histórico e imaterial da cidade de São Paulo.

Por ora, a tematização seguiu um caminho inesperado, guiou-se sobre a incerteza. Mandamos linha nas diferentes leituras, significações, percepções e conhecimentos sobre a ocorrência social do pipa. Relamos narrativas depreciativas. Fizemos emboleira com a exclusividade de certos corpos e, na puxada, estouramos a linha segregacionista. Aparamos os afetos e saberes mandados. Assim, vivemos a politização do currículo, da cidade, saindo em defesa das diferenças.